

A Financeirização da Economia: uma introdução

Financialization of Economy: an introduction *Financiarización de la economía: una introducción*

ROMUALDO PORTELA DE OLIVEIRA¹

Resumo: Ante o crescente uso do termo “financeirização” para interpretar as modificações em curso na economia capitalista e seu uso na produção acadêmica sobre educação no Brasil, o presente artigo busca recuperar suas origens históricas e a forma como tem sido organizada a já abundante produção presente na literatura. Tomou-se como ponto de partida alguns trabalhos amplamente citados na literatura e revisões de literatura de modo a recuperar suas origens e os principais sentidos atribuídos ao termo. Conclui-se que há lacunas importantes na bibliografia, o que aponta para a necessidade de novas abordagens de modo a articular os diferentes conceitos utilizados para interpretar as transformações em curso, quer seja a relação entre financeirização, globalização e neoliberalismo, quer seja sua relação com a digitalização do capitalismo. Ao final, apresenta algumas questões que podem indicar possíveis linhas de investigação.

Palavras-chave: Financeirização; revisão de literatura; definição de financeirização.

Abstract: *In view of the growing use of the term “financialization” to interpret the ongoing changes in the capitalist economy and its use in academic production on education in Brazil, this article seeks to recover its historical origins and the way in which the already abundant production present in the literature has been organized. We took as a starting point some widely cited works in the literature and literature reviews in order to recover their origins and the main meanings attributed to the term. It is concluded that there are important gaps in the bibliography, which points to the need for new approaches in order to articulate the different concepts used to interpret the ongoing transformations, whether it is the relationship between financialization, globalization, and neoliberalism or its relationship with the digitalization of capitalism. At the end, it presents some questions that may indicate possible lines of investigation.*

Keywords: *Financialization; literature review; definition of financialization.*

1 ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2466-9983>. Universidade de São Paulo (USP), Faculdade de Educação, Departamento de Administração Escolar e Economia da Educação, Campinas, SP, Brasil; Universidade Federal do Pará (UFPA), Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação do ICED, Belém, PA.

Resumen: Frente al creciente uso del término “financiarización” para interpretar los cambios en curso en la economía capitalista y su uso en la producción académica sobre educación en Brasil, este artículo busca recuperar sus orígenes históricos y la forma en que se ha organizado la ya abundante producción presente en la literatura. Tomamos como punto de partida algunos trabajos ampliamente citados en la literatura y en revisiones bibliográficas con el fin de recuperar sus orígenes y los principales significados atribuidos al término. Se concluye que existen importantes vacíos en la bibliografía, lo que apunta a la necesidad de nuevos enfoques para articular los diferentes conceptos utilizados para interpretar las transformaciones en curso, ya sea la relación entre financiarización, globalización y neoliberalismo o su relación con la digitalización del capitalismo. Al final, se presentan algunas preguntas que pueden indicar posibles líneas de investigación.

Palabras clave: Financiarización; revisión de la literatura; definición de financiarización.

INTRODUÇÃO

Assistimos, nos últimos trinta anos, a um crescente uso da palavra “financeirização” para compreender as mudanças em curso na economia contemporânea. Em 22 de abril de 2011, o *google scholar* registrava 1.950 citações para “financialisation” (a grafia adotada no Reino Unido) e 4.680 para “financialization” (adotada nos EUA) (Cf Engelen, 2012). Aproximadamente 40% deste total foram adicionadas ao buscador entre o início de 2009 e abril de 2011. Três anos depois, em 22 de abril de 2014, havia, respectivamente, 5.940 e 12.600, 60% adicionadas durante esse intervalo de tempo. Mais de quatro anos depois, em 12 de setembro de 2018, havia, respectivamente, 16.600 e 34.200 citações (Cf. Aalbers, 2019), e em 21 de maio de 2024, respectivamente, 38.000 e 75.300, o que sugere que o conceito ainda está ampliando seu uso acadêmico².

Essa popularização gera, necessariamente, uma polissemia, o que é até mesmo percebido como positivo por alguns autores, pois permite um uso amplo, decorrente de uma certa imprecisão. O mesmo Manuel Aalbers afirma que

A financeirização também tem sido criticada, tanto porque o conceito é considerado impreciso, vago e caótico ou porque as evidências apresentadas para sustentá-la são discutíveis. Em certo sentido os críticos estão certos: a financeirização pode ser um conceito elástico que cobre muitos processos, estruturas, práticas e resultados em diferentes momentos no tempo³. (Aalbers, 2017, p. 1062).

2 Robert Guttman (2017) assinala que após a crise de 2007/08 há um certo refluxo da financeirização, talvez em direção ao que ele chama de “capitalismo ecológico”, ante o agravamento da crise climática. Da mesma forma, Wudil & Muhammad (2023), fazendo uma revisão da literatura sobre o tema, com publicações de 2014 a 2023, constatam a presença de 3.188 artigos na base *Scopus* nesse período. Ainda que registrem uma diminuição no ritmo de crescimento na utilização do termo, observam que permanece significativo.

3 Todas as traduções foram feitas pelo autor.

Como exemplo disso, temos uma das definições mais largamente citadas, a de Gerald Epstein (2005), que afirma:

Enquanto muitos livros têm sido escritos sobre o neoliberalismo e a globalização, a pesquisa sobre o fenômeno da financeirização, [...] é relativamente nova. De fato, não há mesmo acordo sobre a definição do termo, e menos ainda sobre o seu significado. Greta Krippner apresenta uma excelente discussão sobre a história do termo e os prós e contra de várias definições (Krippner, 2004). Ela sintetiza a discussão assim: alguns autores usam o termo “financeirização” para designar a ascendência do valor para o acionista como um modo de governança corporativa; alguns o usam para se referir à crescente dominância dos sistemas de mercado de capital financeiro; alguns seguem a trilha de Hilferding e usam o termo “financeirização” para se referir ao crescente poder econômico e político de uma classe ou grupo em particular; para outros, a financeirização representa a explosão do comércio financeiro com uma miríade de novos instrumentos; finalmente, para a própria Krippner, o termo se refere a um “padrão de acumulação no qual a geração de lucros ocorre crescentemente por meio de canais financeiros mais do que por meio do comércio ou da produção de *commodities* (Krippner, 2004, p. 14).

Todas essas definições capturam algum aspecto do fenômeno que temos chamado de financeirização. Então, vamos utilizá-lo de maneira mais ampla: para nós, financeirização significa **o papel crescente de motivos financeiros, mercados financeiros, atores financeiros e instituições financeiras na operação das economias domésticas e internacional.**⁴ (Epstein 2005a, p. 3)

Ante o uso crescente do termo na área de educação no Brasil, o objetivo deste artigo é discutir as conceituações presentes na literatura, de forma a permitir seu uso mais preciso para analisar os processos de penetração do capital financeiro na área de educação. Isso será feito ainda de maneira exploratória, dessa forma, certamente, demandando uma abrangência maior de prospecção na literatura, assim como refinar a diferenciação conceitual existente no interior de algumas abordagens como assinalado ao final. O presente artigo divide-se em três partes. Na primeira, explicitam-se as causas da financeirização; na segunda, as classificações dos termos que aparecem em alguns “estados da arte”; e na última, são apresentadas as definições que nos parecem mais precisas a algumas indagações que esta sistematização da literatura nos sugere, indicando possíveis linhas de aprofundamento do estudo do tema.

4

Em negrito o trecho que é amplamente difundido na literatura como a conceituação mais utilizada.

AS CAUSAS DA FINANCEIRIZAÇÃO DA ECONOMIA

A financeirização, como a entendemos hoje, tem sua origem nos processos de transformação da base técnica que começa ao final dos anos 50, se acentuam ao longo dos anos 60 e são marcados pela introdução da automação no processo produtivo e sua generalização para o conjunto da economia⁵.

A repercussão no processo de acumulação começa a ser sentida ao final dos anos 60 e, enquanto conceito, o termo passa a ser utilizado para compreender essas transformações logo depois. A palavra “financeirização” teve seu uso generalizado a partir do final dos anos 80, o que ocorre ao mesmo tempo com os termos “globalização” e “neoliberalismo”. Nas palavras de Epstein:

Nos últimos trinta anos, as economias do mundo foram submetidas a profundas transformações. Algumas das dimensões dessa realidade alterada são claras: o papel dos governos diminuiu enquanto aumentou o dos mercados; transações econômicas entre países foram substancialmente incrementadas; transações financeiras nacionais e internacionais cresceram aos trancos e barrancos [...]. Em resumo, essa paisagem em transformação caracterizou-se pela ascensão do neoliberalismo, da globalização e da financeirização (Epstein, 2005, p. 3)

Globalização, neoliberalismo e financeirização passam a ser utilizados mais ou menos na mesma época e, em muitas interpretações aparecem conectados. Há que se destacar dois aspectos desse processo. Em primeiro lugar, observar que as transformações em curso e suas consequências no conflito distributivo podem ser observadas nas seguintes constatações de Robert Guttman: “A participação da “indústria financeira” no Produto Interno Bruto dos EUA cresceu de 2% ao final da segunda guerra para mais de 8% em 2007” (Guttman, 2016, p. 91).

Da mesma forma, observa que esse processo representa um grande avanço contra os trabalhadores, pois há um conjunto de elementos que fazem com que o mundo do trabalho vá para a defensiva ante o capital. Podem ser citados entre estes a crise dos Estados de Bem Estar Social e a conseqüente emergência do neoliberalismo como alternativa viável de governança social, o fim da URSS e das burocracias operárias do Leste Europeu, que acaba com a polarização mundial, característica da guerra fria, permitindo a emergência de interpretações do “fim da história” e da vitória final do capitalismo. Como exemplo, o mesmo Guttman, afirma que:

5 A modificação na base técnica se inicia em 1947, com o desenvolvimento do transistor, que substitui a válvula, na Bell Corporation, graças aos trabalhos de John Bardeen e Walter Brattain, e em 1958, pelo desenvolvimento dos microchips, os circuitos integrados, tanto na *Texas Instruments*, pelos trabalhos de Jack Kirby quando na *Fairchild*, com os trabalhos de Robert Noyce. (Cf. Mehl, s.d).

Nas últimas três décadas, os recursos alocados em salários na maioria das nações industrializadas, foram suplantadas por ganhos de produtividade. [...] mesmo em termos de participação dos salários no PIB, há uma queda de 59% observada em seu pico, em 1970 para pouco menos de 50% em 2012. (Guttman, 2016, p. 108-109)

Esta constatação da diminuição da participação dos salários na renda nacional está bem documentada no trabalho de Piketty (2014), que apresenta dados significativos para evidenciá-la. Ilustrativamente, apresenta-se a seguir um de seus quadros.

Tabela 1 - Participação na renda nacional por faixas de renda

Parcela dos diferentes grupos no total dos rendimentos	Europa 2010	EUA 2010
Os 10 % mais ricos	35,00 %	50,00 %
dos quais: os 1 % mais ricos	10,00 %	20,00 %
dos quais: os 9 % seguintes	25,00 %	30,00 %
Os 40 % do meio	40,00 %	30,00 %
Os 50 % mais pobres	25,00 %	20,00 %

Fonte: Eric Toussaint (2014), a partir do quadro 7.3, p. 392, Piketty, 2014.

Voltando aos três conceitos associados a essa transformação, neoliberalismo, globalização e financeirização, cada momento um deles é hegemônico como elemento explicativo das transformações em curso. Primeiro, globalização (Cf. Henwwood, 2000), depois neoliberalismo e, mais recentemente, financeirização. Nenhum deles é novidade em termos históricos. Tivemos a globalização romana, a dos descobrimentos, a do capitalismo liberal do século XIX, a do imperialismo e a que presenciamos agora. O neoliberalismo reestabelece um vínculo direto com o liberalismo clássico na denominação, ainda que seja o único que se diferencia explicitamente do período anterior pelo acréscimo do prefixo “neo”. No que diz respeito à financeirização, Alexandre Vercelli (2013) pontua que este não é o início da financeirização, mas sim de uma financeirização específica, que tem aspectos de continuidade com outros períodos, como o crescimento em volume das transações financeiras, a aceleração de aspectos já presentes no contexto anterior, como, por exemplo, a desregulação e alguns aspectos novos, como a securitização⁶. Vercelli a chama de financeirização neoliberal, para assinalar que, neste caso, os ganhos no mercado financeiro se dissociam da produção.

⁶ Securitização é o termo utilizado para se referir a uma dívida que foi negociada com investidores. Trata-se de uma prática que visa transformar títulos de crédito, como faturas não pagas ou dívidas de empréstimos, em títulos negociáveis no mercado de capitais.

A primeira e principal preocupação do recente debate sobre financeirização é o processo que começou nos anos 1970 que pode ser chamado de “financeirização neoliberal” (ou a segunda financeirização desde a revolução industrial⁷). (Vercelli, 2013, p. 19-20)

Essa apreciação de que o que caracteriza o presente momento é a separação da economia real, a da produção, da especulação financeira é contestada por alguns autores. Por exemplo, Eleutério Prado, em artigo de 2014, contesta essa abordagem, presente na leitura de François Chesnais (2005) que, segundo ele, analisa o fenômeno da financeirização ancorada:

[...] na ideia de que o capital financeiro deve ser condenado como um mal maior, porque ele parasita o capital industrial e rebaixa as perspectivas de crescimento da economia capitalista. [...] Sustenta-se aí que a financeirização não é um desenvolvimento historicamente anômalo do processo de acumulação, mas sim que vem a ser um resultado necessário e funcional do próprio desenvolvimento da relação de capital. Para tanto, mostra-se como Marx apreende o capital como totalidade que se compõe de capitais particulares em permanente processo de concorrência. Argumenta-se, [...], em favor de uma tese polêmica: admite-se, primeiro, que a forma financeira do capital (isto é, $D - D'$), depois de um longo período em que a forma industrial e comercial do capital (isto é, $D - M - D'$) comanda o processo de acumulação, e depois do hiato do começo do século XX em que essa condição é contraditada, emerge finalmente no século XXI como proeminente; diante desse fato histórico, considera-se, então, que essa emergência não é fortuita, porque ela está de acordo com o próprio conceito de capital. Pois a forma financeira, por um lado, realiza plenamente o fetichismo inerente ao conceito de capital e, por outro, socializa a propriedade privada no grau mais elevado. (Prado, 2014, p. 14)

Retomando o processo de desenvolvimento do conceito, segundo Malcolm Sawyer, coordenador do projeto FESSUD⁸, as primeiras figuras na esquerda (e talvez em qualquer outra posição política) a explorar esse processo sistematicamente foram Harry Magdoff e Paul Sweezy, o que pode ser acompanhado por sua abundante produção publicada na *Monthly Review*⁹.

7 Segundo Vercelli, a primeira financeirização estendeu-se da segunda metade do século XIX até o início da grande depressão nos anos 30; e a segunda iniciou-se ao final dos acordos de Bretton Woods (1971) e prossegue até o momento. Apesar de aspectos característicos do momento, elas compartilham aspectos comuns, entre os quais a redução das restrições de fluxo de mercadorias, serviços e capitais entre países e a necessidade de reação à queda do crescimento e consequentemente dos lucros na economia real. (Cf. Vercelli, 2013-2014, p. 25)

8 O Projeto FESSUD foi um projeto de pesquisa multidisciplinar que teve duração de 5 anos (2011-2016), financiado pela Comissão Europeia, congregando 14 universidades, sob a coordenação de Malcolm Sawyer, da Universidade de Leeds. Os objetivos do projeto eram analisar a financeirização e seus impactos econômicos, sociais e ambientais com vistas a oferecer guias para os *policy makers*. Para maiores detalhes: <http://fessud.eu/the-project>.

9 Para citar alguns trabalhos marcantes nessa perspectiva, ver Magdoff & Sweezy, 1987, Sweezy, 1982, 1994, 1997.

Correa, Vidal e Marshall (2012) citam Gerardo De Bernis (1988) como o primeiro autor a dar atenção à crescente dominação das finanças na economia. O trecho apresentado a seguir, do trabalho de De Bernis, evidencia isso:

Las políticas de lucha contra la inflación han sido esencialmente políticas deflacionistas, sin poner cuidado en el modo de formación de los precios: restricciones presupuestarias (a punto de crear excedentes en RFA, en Japón, en Reino Unido), presiones sobre el poder de compra de los salarios y los gastos sociales, incitaciones al ahorro. Particularmente estas últimas medidas aceleraron el proceso de financiarización de la economía ya ampliamente empezada por la conjunción del ascenso de las ganancias y de la incertidumbre acerca de los costos y precios futuros (tasas de cambio erráticas, tasas de interés variables): desde hace algunos años se asiste a un desarrollo sin precedente, mucho más vigoroso que entre 1925 y 1929, de las innovaciones financieras, de los mercados financieros. . . mientras que la tasa de inversión crece muy lentamente y que una parte importante de esta inversión está consagrada unicamente a la racionalización o la modernización de las instalaciones existentes, con reducción de las capacidades productivas llegado el caso, y siempre disminuyendo el número de empleos. (De Bernis, 1988, p. 73-74)

Em sua recuperação da história do conceito, John Bellamy Foster (2007, p. 1) afirma que “o uso corrente do termo ‘financeirização’ deve muito ao trabalho de Kevin Phillips, que o empregou no seu livro *“Boiling Point”*, de 1993 e, um ano depois, devotou ao tema um capítulo chave de seu *“Arrogant Capital: America’s financializing.”*”

No primeiro texto, Phillips afirma que

A financeirização, no entanto, também significava que, de sua própria perspectiva, banqueiros, seguradoras e financistas tinham boas razões para temer que a proteção das indústrias de fabricação doméstica em declínio pudesse trazer retaliação estrangeira contra o transporte marítimo, investimentos e serviços financeiros lucrativos da Grã-Bretanha. E eles eram rentáveis. Mesmo após os golpes econômicos da guerra de 1914-18, enquanto a indústria pesada britânica afundou ainda mais durante a década de 1920, a City de Londres conseguiu manter seu lugar como o centro do mundo financeiro. Além disso, os investimentos internacionais britânicos realmente renderam mais do que nunca, assim como os serviços financeiros e de seguros, o que parecia desmentir os temores de Chamberlain. Depois, no entanto, os efeitos econômicos devastadores da Segunda Guerra Mundial confirmaram tragicamente a previsão de que as finanças seriam uma palheta fina. As 175 milhões de libras que a Grã-Bretanha tinha ganho com investimentos estrangeiros em 1938 caíram para 73 milhões de libras em 1940. Os números anuais do pós-guerra voltaram nominalmente aos níveis pré-guerra, mas ajustados pela inflação foram muito menores – e o Reino Unido também escalonou sob o peso de US\$ 13 bilhões de novos passivos externos. A supremacia financeira seguiu a supremacia econômica e manufatureira para os Estados Unidos, e vimos como os tempos difíceis alcançaram os britânicos de classe média e média alta, embora a City de Londres — como Amsterdã — ainda mantivesse um papel mundial importante. (Phillips, 1993, p. 208)

Phillips assinala que há uma mudança na fonte principal de ganhos da Grã-Bretanha, após a primeira guerra mundial, da produção para a área financeira. Já no livro *Arrogant Capital* (1994), no capítulo 4, denominado de “A financeirização da América: Especulação Eletrônica e a Perda de controle de Washington sobre a ‘Economia Real’¹⁰”, Kevin Phillips define financeirização nos EUA, local de origem do processo contemporâneo, como:

O que se pode chamar de financeirização dos Estados Unidos vai muito além de seus óbvios sintomas do dia a dia: a proliferação de caixas automáticos em shopping centers suburbanos, os livros do mercado de ações nas listas de mais vendidos, os índices crescentes de aposentados que investem em fundos mútuos. A transformação real é muito maior. Nem o final do século XX é o primeiro exemplo, um ponto que perseguiremos a seguir, embora a convulsão de hoje seja de longe a maior. As finanças não se espalharam simplesmente por todos os recantos da vida econômica; Uma parcela considerável do setor financeiro, eletronicamente liberada das restrições do passado, deixou de lado velhas preocupações com o financiamento do futuro industrial de longo prazo do país, divorciou-se das perspectivas precárias dos americanos que labutam em fábricas, campos ou mesmo shoppings suburbanos e simplesmente se alimentam onde podem. (Phillips, 1994, p. 100)

Ressaltam-se dois aspectos desse trecho. De um lado, a afirmação de que o processo é decorrente das modificações na tecnologia, permitindo um fluxo mais amplo e rápido do capital. De outro, assinala que a alta finança se liberta das “perspectivas precárias dos americanos que labutam em fábricas, campos ou mesmo shoppings suburbanos e simplesmente se alimentam onde podem”, enfatizando a separação entre a “economia real”, isto é, a produção de mercadorias e os ganhos financeiros dos investidores no mercado financeiro. No mesmo ano de 1994, Giovanni Arrighi usou o conceito de financeirização em uma análise da transição na hegemonia internacional. (Cf. Foster 2008, p. 1, n. 3).

Curiosamente, não aparece nessas revisões menção aos trabalhos do brasileiro José Carlos Braga, professor do Instituto de Economia da Unicamp, que em 1985, em sua tese de doutorado, já identificava esse processo de hegemonização da economia capitalista pelo capital especulativo. (Cf. Braga, 2000)

Uma compreensão inicial desse processo já aparece no trabalho seminal de Rudolf Hilferding que, em 1910, publicou o livro “O Capital Financeiro”, que representa a primeira atualização substantiva do pensamento econômico marxista. Hilferding afirma:

10 *The Financialization of America: Electronic Speculation and Washington's Loss of Control over the "Real Economy"* (Phillips, 1994:1995, p. 135)

Chamo de capital financeiro o capital bancário, portanto o capital em forma de dinheiro que, desse modo, é na realidade transformado em capital industrial. Mantém sempre a forma de dinheiro ante os proprietários, é aplicado por eles em forma de capital monetário – de capital rendoso [portador de juros] – e sempre pode ser retirado por eles em forma de dinheiro. Mas, na verdade, a maior parte do capital investido dessa forma nos bancos é transformado em capital industrial, produtivo (meios de produção e força de trabalho) e imobilizado no processo de produção. Uma parte cada vez maior do capital empregado na indústria é capital financeiro, capital à disposição dos bancos e, [empregado] pelos industriais. (1985, p. 219)

Hilferding assinala que o capital financeiro, associação do capital bancário com o industrial, representa uma nova fase do processo de acumulação capitalista. Seu trabalho cria as condições para as teorizações sobre o imperialismo, empreendidas por vários autores marxistas ao longo dos anos 1910, como Rosa de Luxemburgo, *A Acumulação de Capital* (1985, [1913]) e Lenin, em “O Imperialismo” (2011, [1916]). Este foi o padrão de acumulação que vigorou ao longo do século XX, com o capital financeiro aumentando seu poder sobre o conjunto da economia, a ponto de, ao final do século, muitos setores com investimentos no setor industrial auferirem mais lucros dos investimentos no mercado financeiro do que como resultado da produção, explicitando uma das facetas da moderna financeirização, a atuação no mercado financeiro de organizações não financeiras.

A seguir, apresenta-se como a literatura especializada buscou organizar a produção sobre o tema e as definições que nos parecem mais frutíferas para a compreensão do fenômeno da financeirização

AS CLASSIFICAÇÕES PRESENTES NOS “ESTADOS DA ARTE”

Tendo em vista a ampliação da produção sobre financeirização, o termo passa a ser utilizado para designar diferentes aspectos das transformações em curso. Organizar a compreensão dessa produção torna-se um importante elemento de análise. Para tanto, recorreremos a algumas revisões de literatura que tentam ordenar suas diferentes facetas.

Uma das mais conhecidas, que tomaremos como referência, é o trabalho de Natascha van der Zwan, *Making sense of financialization* (2013). Zwan identifica três abordagens no conceito de financeirização. O primeiro, como um regime de acumulação; o segundo, centrado na financeirização da moderna corporação; e o terceiro com ênfase na cultura e na vida cotidiana. Vejamos cada uma delas.

No que diz respeito à financeirização como um regime de acumulação, Zwan afirma:

Apesar de frequentemente associada com a escola da regulação, a abordagem da acumulação descrita neste artigo inclui um grupo mais amplo de pesquisadores: pós-Keynesianos, sociólogos da economia, da política e economistas internacionais que exploram as relações entre o declínio da lucratividade da manufatura e o crescimento das atividades financeiras de firmas não financeiras. (Zwan, 2013, p. 101)

Zwan chama de segunda abordagem a financeirização da moderna corporação.

Os estudiosos têm atribuído à financeirização da moderna corporação a emergência do valor para o acionista como o principal princípio diretor do comportamento empresarial (cf. Rappaport, 1986). O valor para o acionista se refere à ideia de que a finalidade primeira da corporação é dar lucro para seus acionistas.

De acordo com Aglietta, o valor atribuído pelo acionista tornou-se a “norma de transformação do capitalismo” (Aglietta, 2000, p. 149) e como tal tem providenciado a justificativa para a disseminação de novas políticas e práticas favorecendo os acionistas sobre outros constituintes da firma. (Zwan, 2013, p. 102)

E, finalmente, uma terceira abordagem oriunda da contabilidade social e da economia cultural focaliza seus efeitos na vida cotidiana.

Os pesquisadores da vida cotidiana abandonaram o foco na corporação em favor de uma abordagem que aprecia as diversas formas nas quais as finanças se assentam nas práticas da vida cotidiana. Estes estudos têm interrogado projetos e esquemas ancorados na incorporação de proprietários de imóveis de baixa e média renda em mercados financeiros, por meio da participação em planos de pensão, hipotecas domésticas e outros produtos financeiros dirigidos para o consumo de massa. As finanças se tornaram formas descentralizadas de poder neste corpo de trabalhos, exercidas pelas interações dos indivíduos com novas tecnologias financeiras e sistemas de conhecimento financeiro. (Zwan, 2013, p. 102)

Este esquema de três abordagens tem ampla aceitação na literatura. Entretanto, vários autores ou a ampliam ou buscam outro agrupamento pelo fato destas três dimensões muitas vezes se interpenetrarem ou porque há abordagens que ela não abarca.

Manuel Aalbers (2017) toma como ponto de partida essa organização de Zwan, mas organiza a abrangência do tema de outro modo. Ele propõe que a financeirização seja analisada a partir de dez temas, a saber:

1. Financeirização como um recorrente processo histórico que assinala o outono (ocaso) de poderes hegemônicos;

2. Financeirização do sistema bancário: isto é, o crescimento de instituições financeiras não bancárias. Na versão de 2019 desse verbete, este tema é substituído pela seguinte redação: a revolução financeira dos serviços, isto é, o crescimento de instituições financeiras não bancárias e a crescente importância do alavancamento¹¹ e na cobrança de taxas nos moldes dos modelos de negócios dos bancos;

3. Financeirização na economia em termos mais estritos: isto é, o setor financeiro se tornando crescentemente dominante em termos econômicos;

4. Financeirização de firmas não financeiras: isto é, firmas tradicionalmente não financeiras dominadas por narrativas, práticas e medidas financeiras;

5. Financeirização no interior de firmas não financeiras: isto é, tradicionalmente firmas não financeiras participando em práticas que estão no domínio do setor financeiro; substituída na versão de 2019 pela seguinte redação: financeirização como assetização¹², isto é, a transformação de uma gama de *commodities* em *assets* financeiros comercializáveis;

6. Financeirização do local de trabalho: isto é, empregados e seus locais de trabalho são crescentemente modelados por narrativas, práticas e medidas financeiras;

7. Financeirização do setor semipúblico: isto é, governos, autoridades públicas, educação, cuidados de saúde, moradia social, e uma gama de outros setores tornam-se dominados por narrativas, práticas e medidas financeiras;

8. Financeirização da política pública: isto é, as preocupações e interesses da indústria financeira estão se tornando crescentemente privilegiadas no domínio da política pública;

9. Financeirização das moradias: isto é, os motivos, racionalidades e medidas financeiras tornam-se crescentemente dominantes, tanto na forma como os indivíduos e proprietários de imóveis estão sendo avaliados e abordados, e como eles tomam decisões na vida;

10. Financeirização do discurso: isto é, as finanças se tornam crescentemente dominantes como uma narrativa e como metáfora, como uma linguagem para ver/visualizar/medida/avaliar todas as coisas econômicas e não econômicas. (Cf. Aalbers, 2017, p. 1062-1063)

11 A Alavancagem Financeira, ou em inglês, *leverage* ou *gearing*, é a ação de contrair uma dívida para financiar uma ação sem comprometer o patrimônio da empresa. É uma forma de aumentar a rentabilidade através do endividamento. Ou seja, acaba agindo como um limite de crédito, permitindo que se movimente um valor superior ao que a empresa tem na Bolsa de Valores. Podemos dizer também que é o efeito do capital de terceiros no patrimônio líquido de uma empresa.

12 Assetização” refere-se ao ato de tornar algo (mercadoria, conhecimento, etc.) em um direito de propriedade que gere fluxo periódico de renda. É o que ocorre com os dados pessoais e comportamentais coletados pelas grandes corporações globais de tecnologia da informação. Deriva de *asset* que significa ativo e quando usado em economia significa ativo financeiro.

Na versão de 2019 desse verbete, Aalbers cita sete temas, valendo a pena ressaltar as alterações entre uma versão e outra de seu texto. Inicialmente, ele suprime os temas, 6, 8 e 9 e altera a redação de 2, 5, 6 e 10, como assinalado acima.

Com essa gama de temas em mente, Aalbers define financeirização, retomando a expressão de Epstein, aperfeiçoando-a, nos seguintes termos:

Financeirização é a crescente dominação de atores, mercados, práticas, medidas e narrativas financeiras, em várias escalas, resultando em uma transformação estruturas das economias, firmas (incluindo instituições financeiras), estados e proprietários de imóveis. (2019, p. 1063)

Em outra revisão de literatura, Alex Palludetto e André Felipini (2019) utilizaram o software *VOSviewer* para analisar um total de 1649 artigos da base *Scopus* que se dedicam ao tema. Esses autores observam que 15 artigos representam aproximadamente 1% do total da base e são responsáveis por cerca de 20% das citações. A tabela 2 mostra esses autores e artigos.

Tabela 2 - Principais publicações por citação (1992-2017)

Publicação	Número de citações	Parcela do total de citações
Krippner (2005)	614	4%
Froud et al. (2006)	282	1,8%
Stockhammer (2004)	263	1,7%
Froud et al. (2000)	238	1,5%
Tang e Xiong (2012)	217	1,4%
Harvey (2006)	197	1,28%
McMichael (2012)	171	1,11%
Lazzarato (2009)	170	1,11%
Lapavitsas (2009)	162	1%
van der Zwan (2014)	160	1%
Gotham (2000)	135	0,8%
French et al (2011)	132	0,8%
Pike e Pollard (2010)	132	0,8%
Dore (2008)	129	0,8%
Orhangazi (2008)	127	0,8%
Total	3132	20,3%

Fonte: Palludeto & Felipini (2019), p. 320.

Sua análise da literatura identificou cinco grandes abordagens sobre a financeirização, apresentada no quadro 1.

Quadro 1 - As linhas mestras da literatura acerca da financeirização

Abordagens	Temas	Termos	Periódicos	Autores
Maximização do valor ao acionista: <i>Critical Social Accountancy School</i> e similares	Desempenho (indicadores) das firmas sujeitas a esse regime	shareholder value; manager; company; firm	Accounting, Organizations and Society; Accounting Forum; Academy of Management Review;	Froud; Haslam; Erturk; Williams
Regimes macroeconômicos de acumulação: pós-keynesianos e marxistas	Mudanças no paradigma de acumulação; instabilidade do sistema econômico; distribuição funcional da renda	worker; neoliberalism; income distribution; labour/labor	Cambridge Journal of Economics; Review of Radical Political Economics; Journal of Economic Issues;	Lapavitsas; Krippner; Stockhammer; Hein; Lavoie
"Financeirização do cotidiano" e cultura	Transformação do sujeito e de sua sociabilidade por meio das finanças	culture; individual; life; rationality	Journal of Cultural Economy; Theory, Culture and Society; Cultural Critique	Martin; Langley
Geografia da financeirização	A financeirização como aspecto localizado e suas repercussões sobre a vida urbana; habitação	geography; construction; housing market; city	Urban Studies; International Journal of Urban and Regional Research; Housing Studies; Geoforum	Pike; French; Hall; Christophers; Gotham
Financeirização das <i>commodities</i> , estrutura agrária e desenvolvimento	A dinâmica internacional dos preços de <i>commodities</i> determinadas em mercados financeiros e a organização da atividade rural	commodity futures market; volatility; financial investor; speculation	Third World Quarterly; Journal of Peasant Studies;	Clapp; McMichael; Fairbairn; Buyuksahin

Fonte: Palludeto & Felipini (2019), p. 330.

Como se pode observar, estes autores acrescentam duas abordagens à classificação de Zwan. De um lado, a “geografia da financeirização”, chamando a atenção para o fato de ela ser mais perceptível, originalmente, nos Estados Unidos, mas sua difusão faz com que se expanda para o resto do mundo. Esta dimensão tem sido crescentemente estudada à medida que o fenômeno se torna perceptível em escala mundial. Em segundo lugar, acrescentam a financeirização das *commodities* com ênfase nas estruturas agrárias.

Tais aspectos estão presentes na análise de Zwan, mas ela o faz separadamente não lhes atribuindo o status de uma abordagem diversa das demais, no entanto não fica claro se elas seriam absorvidas pelas classificações que utiliza.

Desdobrando a primeira linha de organização esboçada por Zwan e a segunda de Palludetto e Felipini, “Regimes macroeconômicos de acumulação: pós-keynesianos e marxistas”, Baris Guven, em trabalho originalmente publicado em 2015, cuja última revisão a que tivemos acesso é de 2017, classifica as abordagens marxistas sobre a financeirização em seis tipos diferentes, a saber, organizados no Quadro 2.

Quadro 2 - Abordagens Marxistas sobre a financeirização, segundo Guven (2017)

Abordagem	Autores
Financeirização na escola do capital monopolista: o triunfo do capital financeiro	Baran, Sweezy, Foster, Magdoff
Financeirização na Teoria das Estruturas Sociais de Acumulação (ESA): subproduto do neoliberalismo	Kotz, Wolfson
Duménil and Lévy sobre a financeirização: contra a ofensiva do capital financeiro	Duménil, Levy
Financeirização na perspectiva do sistema mundial: estágio recorrente da acumulação após o crescimento da competição intercapitalista	Arrighi
Financeirização na abordagem parisiense da regulação (APR): o sistema financeiro substitui os compromissos fordistas de salário e estabelece a regulação de um novo regime de crescimento	Aglietta, Boyer, Jessop, Lipietz, Vale
Lapavitsas sobre a financeirização: expropriação financeira no neoliberalismo	Lapavitsas

Fonte: Elaboração do autor a partir da classificação de Guven.

Sua classificação parece menos clara que as demais, posto que há evidentes interpenetrações entre elas, mas certamente merece uma revisão mais detida e crítica, pois entendemos que é nessa vertente que se encontra a possibilidade de uma síntese compreensiva do momento atual.

Entretanto, do conjunto de textos que apresentamos aqui, cremos já ser possível esboçarmos uma definição que nos permita um quadro teórico para a análise dos estudos de educação na área.

Em primeiro lugar, acreditamos que o trabalho de Gretta Krippner apresenta uma definição que encerra o aspecto central dessa literatura, o entendimento de que a financeirização se caracteriza por um novo padrão de acumulação,

[...] no qual a geração de lucros ocorre crescentemente por meio de canais financeiros mais do que por meio do comércio ou da produção de *commodities* (Krippner, 2004, p. 14).

Complementarmente a esta, a formalização de Costas Lapavitsas ajuda a compreender o que presenciamos. Segundo este autor,

Financeirização é considerada uma transformação nas economias capitalistas avançadas que compreende três elementos fundamentais: primeiro, grandes corporações não financeiras reduziram sua confiança em empréstimos bancários e adquiriram capacidades financeiras; segundo, os bancos expandiram suas atividades mediatas nos mercados financeiros, assim como realizando empréstimos para as famílias; terceiro, as famílias tornam-se crescentemente envolvidas com as finanças, tanto como devedores como investidores. (Lapavitsas, 2011, p. 623)

ALGUMAS OBSERVAÇÕES FINAIS

Nesta seção apresentamos, ainda que brevemente, alguns aspectos que me parecem importantes na revisão realizada neste trabalho e que merecem aprofundamento, a) Em seu primeiro tema: “Financeirização como um recorrente processo histórico que assinala o outono (ocaso) de poderes hegemônicos”. Esta ideia está presente em outros trabalhos consultados e recorre a uma analogia instigante, com a perda de hegemonia das cidades italianas ao final da idade média em que teria ocorrido um aumento da importância das finanças no processo de acumulação. Por exemplo, Lapavitsas atribui essa interpretação à Arrighi, nos seguintes termos.

A financeirização representa o outono da hegemonia à medida que o poder produtivo diminui e a esfera das finanças se expande. Gênova, Holanda, Grã-Bretanha e EUA entraram na financeirização quando perderam sua proeminência na produção e no comércio. Em declínio, tornaram-se credores, em especial para potências mais jovens que surgiram para ultrapassá-los. (Lapavitsas, 2011, p. 615-616)

Se isso se sustenta, há uma clara articulação com a tendencial perda de protagonismo dos EUA na economia mundial e o crescimento da China, já antevisto para os próximos anos.

b) Há necessidade de se integrar de maneira mais precisa os conceitos de financeirização, globalização e neoliberalismo e, também, inserir nesse quadro analítico, as modificações na base técnica, cuja categoria analítica mais utilizada tem sido a de capitalismo digital ou capitalismo na era digital.

Neste particular, há um debate bastante importante que decorre da crescente automatização dos processos de produção, com clara ampliação da composição orgânica do capital¹³, reduzindo ao limite a utilização de mão de obra e, portanto, de extração de mais valia, o que significa uma crise estrutural do sistema de acumulação. Uma das respostas a essa questão é a de que a lei do valor teria sua validade restrita ao período do capitalismo industrial. (Cf. Herscovici, 2015)

c) Finalmente, a constatação que aparece em vários trabalhos de que esse processo se dá em detrimento dos salários na repartição do produto, o que é coerente com o período em que vivemos de clara retração do mundo do trabalho.

Dessa forma, o recurso ao conceito de financeirização nos permite apreender uma dimensão das modificações em curso na sociedade com claras repercussões na educação, como a da penetração do capital com fins de lucro na área e a consequente oligopolização da oferta, já bastante clara no ensino superior no Brasil e em curso acelerado na educação básica, ao mesmo tempo em que tais investimentos são “assetizados” em diferentes produtos financeiros.

Entretanto, há uma outra dimensão, a da modificação na base técnica, cujos efeitos na educação ainda não permitem uma compreensão clara de suas consequências, mas que foram bastante amplificadas com a pandemia de COVID 19 e cujos resultados ainda não foram completamente compreendidos.

Parece-me que a financeirização permite compreender o que ocorre na área de educação a partir de um efeito da dinâmica geral do capital que penetra fortemente em áreas em que não o fazia anteriormente, mas não dá conta de explicar as modificações na base técnica, também fortemente impactadas pelas modificações tecnológicas. Esse certamente é um campo de investigação a ser aprofundado para permitir maior apreensão do conceito na área de educação.

13 Composição orgânica do capital é a relação entre capital fixo, destinado a máquinas e equipamentos, e o capital total (capital fixo mais capital variável, destinado aos salários). Se aumentam os investimentos em máquinas e equipamentos aumenta a composição orgânica do capital, mas como a produção de valor está relacionada com a apropriação da mais valia decorrente do uso do capital variável, se este diminui a taxa de mais valia diminui, diminuindo os lucros.

REFERÊNCIAS

AALBERS, Manuel B. Financialization. *In*: RICHARDSON, Douglas (Eds) et al. **The International Encyclopedia of Geography: people, the Earth, Environment, and Technology**. Oxford: Wiley, 2019, p. 1061-1071.

ARRIGHI, Giovanni. **The Long Twentieth Century: Money, Power, and the Origins of our Times**. New York: Verso, 1994.

BARAN, Paul A.; SWEEZY, Paul M. **Monopoly Capital: An Essay on the American Economic and Social Order**. First. New York: Monthly Review Press, 1966.

BRAGA, José Carlos de Souza. **A temporalidade da riqueza: teoria da dinâmica e financeirização do capitalismo**. Campinas, SP: IE-Unicamp, 2000 (Originalmente 1985). (Coleção de Teses). Disponível em: <https://www.eco.unicamp.br/images/Temporalidade-da-Riqueza-teoria-da-dinamica-e-financeirizacao-do-capitalismo.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2024.

CHESNAIS, François (Org.). **A mundialização financeira: gênese, custos e riscos**. São Paulo: Xamã, 1998.

CHESNAIS, François. A proeminência da finança no seio do “capital em geral”, o capital fictício e o movimento contemporâneo de mundialização do capital. *In*: BRUNHOFF, S. *et al.* (Org.). **A finança capitalista**. São Paulo: Alameda, 2010, p. 95-182.

CHESNAIS, François. **A mundialização do capital**. São Paulo: Xamã, 1996.

CHESNAIS, François. O capital portador de juros: acumulação, internacionalização, efeitos econômicos e políticos. *In*: _____. **A finança mundializada – raízes sociais e políticas, configuração, consequências**. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 35-67.

CORREA, Eugenia; VIDAL, Gregorio; MARSHALL, Wesley. Financialization in Mexico: Trajectory and Limits. **Journal of Post Keynesian Economics**, v. 35, n. 2, p. 255–275, 2012–2013. Disponível em: <https://doi.org/10.2753/PKE0160-3477350205>. Acesso em: 23 nov. 2023.

DE BERNIS, Gerad. **El Capitalismo Contemporáneo (Contemporary Capitalism)**. Mexico City: Editorial Nuestro Tiempo, 1988.

ENGELEN, Ewald. Crisis in Space: Ruminations on the Unevenness of Financialization and its Geographical Implications. **The Wiley-Blackwell Companion to Economic Geography**. Wiley & Sons, 2012, p. 242-257. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/9781118384497.ch15> . Acesso em: 10 out. 2023.

EPSTEIN, Gerald (Ed.) **Financialization and the World Economy**. Cheltenham, UK: Edward Elgar, 2005.

FOSTER, John Bellamy. The Age of Monopoly-Finance Capital. **Monthly Review**, v. 61, n. 9, p. 1–13, 2010. Disponível em: <https://monthlyreview.org/2010/02/01/the-age-of-monopoly-finance-capital/> . Acesso em: 10 out. 2023.

FOSTER, John Bellamy; MAGDOFF, Fred. Financial Implosion and Stagnation: Back to the Real Economy. **Monthly Review**, v. 60, n. 7, p. 1–29, 2008. Disponível em: <https://monthlyreview.org/2008/12/01/financial-implosion-and-stagnation/> . Acesso em: 10 jan. 2023.

FOSTER, John Bellamy. The Financialization of accumulation. **Monthly Review**, v. 62, n. 5, p. 1-20, oct. 2010. Disponível em: <https://monthlyreview.org/2010/10/01/the-financialization-of-accumulation/> . Acesso em: 10 out. 2023

FOSTER, John Bellamy. The Financialization of Capitalism. **Monthly Review**, v. 58, n. 11, 2007. Disponível em: <http://monthlyreview.org/2007/04/01/the-financialization-of-capitalism>. Acesso em: 10 out. 2023.

GUTTMAN, Robert. **Finance-led capitalismo: shadow banking, re-regulation, and the future of Global Markets**. New York: Palgrave-Mcmillan, 2016.

GUTTMANN, Robert. Financialization revisited: the rise and fall of finance-led capitalismo. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. esp., p. 857-877, dez. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3533.2017v26n4art2> Acesso em: 11 ago. 2023.

GUVEN, Baris. **Marxist Explanations for Financialization: A Critical Review**, Center for Open Science, 2017. Disponível em: <https://osf.io/preprints/socarxiv/hd6pc> . Acesso em: 11 ago. 2023.

HENWOOD, Doug. What is Globalization, Anyway. **International Socialist Review, Globalization: Myths and Realities**. jun./jul, 2000. Disponível em <https://znetwork.org/zcommentary/what-is-globalization-anyway-by-doug-henwood/#:~:text=Doug%20Henwood%20If%20there%E2%80%99s%20one%20thing%20that%20analysts%20and%20activists>. Acesso em: 10 maio 2004.

HERSCOVICI, Alan. O “Capitalismo Imaterial”: Elementos para uma análise (socio) econômica. **Novos Estudos**. Ed. 102, v. 34, n. 2, p. 132-151, jul. 2015. Disponível em: <https://novosestudios.com.br/produto/edicao-102/#gsc.tab=0> . Acesso em: 15 fev. 2019.

HILFERDING, Rudolf. **O capital financeiro**. São Paulo: Abril Cultural, 1985. Col. Os Economistas.

KRIPPNER, Greta. The Financialization of the American Economy. **Socio-Economic Review** v. 3, n. 2, p. 173–208, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/SER/mwi008> . Acesso em: 15 fev. 2019.

LAPAVITSAS, Costas. Financialised capitalism: crisis and financial expropriation. **Historical Materialism**, v. 17, n. 2, p. 114-148, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1163/156920609X436153>. Acesso em: 15 fev. 2019.

LAPAVITSAS, Costas. **Profiting Without Producing: How Finance Exploits Us All**. London- New York: Verso, 2013.

LAPAVITSAS, Costas. Theorizing Financialization. **Work, Employment & Society**, v. 25, n. 4, p. 611–626, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0950017011419708> . Acesso em: 15 fev. 2019.

LAPAVITSAS, Costas; POWELL, Jell. Financialisation varied: a comparative analysis of advanced economies. **Cambridge Journal of Regions, Economy and Society**, v. 6, n. 3, p. 359–379, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/cjres/rst019> . Acesso em: 15 fev. 2019.

LAPYDA, Ilan. **Introdução à financeirização**. São Paulo: CEFA Editorial, 2023.

LENIN, Vladimir Ilitch. **O Imperialismo: Etapa superior do Capitalismo**. Campinas: FE/Unicamp, 2011.

LUXEMBURGO, Rosa. **A Acumulação do Capital:** Contribuição ao Estudo Econômico do Imperialismo. Trad. Marijane Vieira Lisboa. 2 ed. Coleção Os Economistas. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

MAGDOFF, Harry; SWEEZY, Paul. **Stagnation and the financial explosion.** New York: Monthly Review, 1987.

MAGDOFF, Harry; SWEEZY, Paul. M. **The dynamics of U.S. capitalism.** New York: Monthly Review Press, 1972.

MEHL, Ewaldo L. M. Do transistor ao Microprocessador. **Elétrica UFPR.** Disponível em https://www.eletrica.ufpr.br/mehl/historia_transistor.pdf . Acesso em: 20 dez. 2023.

PALLUDETO, Alex Wilhans Antonio; FELIPINI, André Rodrigues. Panorama da literatura sobre a financeirização (1992-2017): uma abordagem bibliométrica. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 2, p. 313-337, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ecos/article/view/8656961>. Acesso em: 20 dez. 2023.

PHILLIPS, Kevin. **Arrogant capital:** Washington, Wall Street, and the Frustration of American Politics. Boston, New York, Toronto, London, Back Bay Books, 1994.

PHILLIPS, Kevin. **Boiling Point.** New York: Random House 1993.

PIKETTY, Thomas. **O capital no século XXI.** Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

PRADO, Eleutério F. S. Exame crítico da teoria a financeirização. **Crítica Marxista**, v. 21, n. 39, p. 13-34, 2014. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/cma/article/view/19215>. Acesso em: 20 dez. 2023.

RAPPAPORT, Alfred. **Creating Shareholder Value:** The New Standard for Business Performance, New York: The Free Press, 1986.

SAWYER, Malcolm. **Financial development, financialization and economic growth.** Working Paper n. 21, FESSUD, Leeds, 2013. Disponível em: <https://fessud.org/wp-content/uploads/2013/04/Financialisation-and-growth-Sawyer-working-paper-21.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2023.

SAWYER, Malcolm. What Is Financialization? **International Journal of Political Economy**, v. 42, n. 4, p. 5–18, Winter 2013–2014. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/24696306>. Acesso em: 20 dez. 2023.

STOCKHAMMER, Engelbert. Financialisation and the slowdown of accumulation. **Cambridge Journal of Economics**, v. 28, n. 5, p. 719-741. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/cje/beh032>. Acesso em: 20 dez. 2023.

SWEEZY, Paul M. More (or Less) on Globalization? **Monthly Review**, v. 49, n. 4, p. 3-4, sep. 1997. Disponível em: <https://monthlyreview.org/1997/09/01/more-or-less-on-globalization/>. Acesso em: 23 nov. 2023.

SWEEZY, Paul M. The Triumph of Financial Capital.” **Monthly Review**, v. 46, n. 2, p. 1–7, 1994. Disponível em: <https://monthlyreview.org/1994/06/01/the-triumph-of-financial-capital/>. Acesso em: 23 nov. 2023.

SWEEZY, Paul M. Why Stagnation? **Monthly Review**, 34 (June), p. 1–10, 1982. Disponível em: <https://monthlyreview.org/2004/10/01/why-stagnation/>. Acesso em: 23 nov. 2023.

TOUSSAINT, Eric. Como usar o que nos diz Thomas Piketty em «O Capital no Século XXI». **Comitê para a Abolição das dívidas ilegítimas**. Disponível em: <https://www.cadtm.org/Como-usar-o-que-nos-diz-Thomas>. Acesso em 30 jun. 2024.

VERCELLI, Alessandro. Financialization in a Long-Run Perspective: An Evolutionary Approach. **International Journal of Political Economy**, v. 42, n. 4, p. 19-46, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.2753/IJP0891-1916420402>. Acesso em: 20 dez. 2023.

WUDIL, Adamu. Ahmed; MOHAMMAD, Rislanudeen. Brief Bibliometric Literature Survey on Financialization. **Journal of Economic Studies and Financial Research**, v. 4, n. 1, jan./jun., 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.46610/JESFR.2023.v04i01.005>. Acesso em: 20 dez. 2023.

ZWAN, Natascha van der. Making sense of financialization. **Socio-Economic Review**. v. 12, n. 1, p. 99–129, jan. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/ser/mwt020>. Acesso em: 20 dez. 2023.

SOBRE O AUTOR

Romualdo Portela de Oliveira

Professor Titular aposentado da FEUSP e Professor Visitante junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação do ICED/UFPA. Possui graduação em Matemática-Licenciatura, mestrado, doutorado e Livre Docência em Educação (todos realizados na FEUSP) e pós doutorado na Cornell University (EUA). Foi Coordenador de Educação da Capes (2014-2018) e Presidente da Anpae (2019-2023).

E-mail: romualdo@usp.br

Recebido em: 26/05/2024

Aprovado em: 12/07/2024